

Almeida Nogueira nos informa que "naqueles tempos, poucos eclesiásticos havia, quer seculares quer regulares, que não estivessem contaminados de jansenismo mais ou menos pronunciado" (17), continuando ainda o mesmo grande professor de direito, a historiar nossas relações com a Santa Sé no crítico período. Feijó mais tarde se retratou dando sua inteira solidariedade à orientação de Roma. "Nas ocasiões de sua vida em que foram precisas as qualidades, antes humanas que políticas, de energia, decisão; intransigência, pureza - Feijó foi o homem do momento" (18). O Padre Feijó "foi de fato um grande homem da América, aquele engeitado da rua da Freira que José Bonifácio tomara por um simples Padre de Itu" (19).

Mudando-se o Padre Feijó para Itu em 1818, e não em 1810 como se afirmou, em chácara de sua propriedade foi plantar chá e café dando largas à sua tendência realizadora, logo levada para o terreno político com sua eleição para deputado às Cortes de Lisboa. De volta ao Brasil, após a Independência, "residiu em São Paulo, na Capital, onde adquiriu uma chácara na Mooca, que ele chamava Paraíso" (20).

Em seu período de intensa vida pública como deputado, ministro, regente, senador, que o prendeu à Corte, esteve o seu engenho de Nossa Senhora Das Dores, em Campinas, sempre sob os cuidados vigilantes e dedicados de seu grande amigo Raimundo Álvares dos Santos Prado Leme. Encontramos o Padre Feijó em Campinas na década de 40 do século dezenove, com o seu "sítio" e casa na cidade até sua atuação enérgica na sublevação de 1842, quando, emiplégico, lúcido e atuante, foi o desassombrado para assumir a inteira responsabilidade do movimento, perante Caxias, em sua triste decadência física, para falecer em 1843. Dele disse Monsenhor Ezequias Galvão da Fontoura: "Uma vida ilibada, uma inteligência lúcida e cultivada, uma vontade resoluta, uma nobreza de caráter, constituíam a grandeza moral do Padre Feijó".

Deixou o Padre Feijó afetuosa tradição em Campinas onde era vasto o seu círculo de amizades e parentesco. Agravando-se as moléstias que o prostaram, teve a homenagem de ser o seu nome dado a várias crianças após nascidas, como indicam batizados em Campinas: A 30/6/1843, Diogo filho de Querubim Ribeiro de Castro Camargo e Maria Gertrudes dos Santos; a 29/7/43, Diogo filho de Teodoro Ferraz Leite e Ana Joaquina de Camargo; a 3/12/1843, Diogo filho de Domingos Leite Penteado e Maria da Rocha; a 2/1/1844, Diogo filho do Dr. Francisco de Assis Pupo e Rita Luísa Nogueira; a 8/6/1844 Diogo filho de Luís Pinto de Sousa Aranha e Ana Caetana Guedes; a 22/4/1844, Diogo filho de Antônio Ferreira da Silva e Maria Caetana da Cunha; a 15/10/1844, Diogo filho de Rodrigo e César de Macudo e Escolástica de Arruda Ferraz.

E estas homenagens também lhe foram praticadas pela raça negra, o que indica a equidade e a bondade do Padre Feijó: aos 13/8/1843 foi batizado Diogo filho de Joaquim e Rita escravos do Capitão José de Sousa Siqueira; a 25/6/1844, Diogo filho de pai incognito e de Antônia, liberta; a 25/12/1844, Diogo filho de pai incognito e de Joaquina, escrava de Luís de Arruda.

Das poucas pesquisas sobre casamentos e batizados de escravos, fica a impressão de que eles não desejavam procriar filhos que seriam escravos, mas as escravas na puberdade, ou mesmo depois, não se livravam de algum amor e batizavam filhos de pai incognito.

A MÃE DE FEIJÓ

Disse Daunt: "ainda não podemos saber, com certeza, o ano em que faleceu, embora nos Arquivos da Cúria Metropolitana de São Paulo, sob a indicação 3.1.34 fls. 75v., o assentamento de óbito seguinte":

"Maria Joaquina - Aos seis dias de junho de mil oitocentos e trinta e sete anos, nesta freguesia, sem sacramentos inopidamente, por quixa interna, com idade de mais de oitenta anos faleceu Maria Joaquinam solteira, e nada mais informam, foi encomendada, e sepultada na Igreja do Rosário. O Cura Manuel da Costa e Almeida".

Os termos deste registro não convencem que seja da mãe de Feijó, pela falta de seu nome de família, maiores referências e por sepultamento na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos pretos. Mais aceitável é o que encontramos no Livro 5, fls. 12, da Cúria Metropolitana de Campinas onde Feijó teve engenho e casa urbana, residindo com a irmã, e possivelmente com sua mãe:

"Aos dezesseis de Maio de mil oitocentos e quarenta e seis faleceu Dona Maria Joaquina de Camargo, natural de São Paulo, de 90 anos de idade, solteira, envolta em hábito preto e recomendada solenemente; jaz nesta Matriz" (a) João M^{el} d'Almeida Barbosa.

Provou Daunt (21) que a irmã de Feijó "residiu em Campinas na casa que herdara de seu irmão", e nessa casa também residiria sua mãe, falecida e sepultada na atual Basílica do Carmo, com 88 anos, pois nascera em 1758 (22).

OS IRMÃOS DE FEIJÓ

Na vinda de antigos escravos de Marta Maria de Camargo para o Engenho de Nossa Senhora das Dores, do Padre Feijó, veio uma antiga escrava do serviço íntimo da família, Ifigênia, destinada em São Paulo para servir a então jovem Maria Joaquina de Camargo, depois mãe de Feijó em 1784.

Tiveram os escravos certas regalias e delas sempre se utilizaram, como dispor de terras para plantio e uso e fruto em seu favor, produzindo e vendendo, obtendo economias. Construíam suas igrejas, geralmente sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, Santa Ifigênia e São Benedito. Em atas de suas irmandades, assinavam seus nomes de batismo seguidos das palavras "escravo do senhor" tal, atas que eram enviadas para aprovação da Coroa, nesses tempos encarnada no Príncipe Dom João (depois Dom João VI) pela impossibilidade da Rainha D. Maria I já enferma. Somente depois da Lei Áurea de 1888, quando já não podiam assinar da forma indicada, é que passaram os ex-escravos a usar cognomes de seus últimos senhores, pois, antes de 1888 nenhum escravo ou ex-escravo ousaria assinar apelidos de família de seus senhores.

Acusam as listas de escravos vindos de São Paulo para o engenho do Padre Feijó, a escrava Ifigênia, acima citada,

como mãe solteira de três filhos: Cândido nascido em 1792, Benedito nascido em 1806 e Luís nascido em 1808. Todos eles vindos para Campinas, deixando Ifigênia, a partir do último, de procriar mais filhos, indicando que o pai residia e ficara em São Paulo. Além da curiosidade destes três filhos da escrava Ifigênia, depois de adultos, nunca aparecerem como escravos e em seus assentamentos de casamentos não figurarem como ex-escravos na forma em uso, todos usaram do apelido da família Feijó, e dois, Benedito e Luís, o cognome Antônio, do pai Félix e do irmão Diogo, como asseguram os termos lavrados em livros próprios: ~~Do Matrimônio de Campinas:~~ Aos 31/8/1830, na Capela de Indaiatuba, "receberam-se por marido e mulher, Cândido Feijó, natural da cidade de São Paulo, filho de pai incognito e de Ifigênia escrava que foi de D. Maria Joaquina de Camargo, e Umbelina Ribeira filha de Filipe e Mariana, escravos que foram do Tenente Manuel Pacheco Gato. Aos 23/10/1847 casou-se em Campinas Benedito Antônio Feijó com Maria Francisca da Luz; ele "filho de Ifigênia, escrava de D. Maria Joaquina de Camargo e ela filha legítima de Diogo Antônio da Luz e Joana Maria da Luz". E do Luís, o terceiro filho de Ifigênia, tivemos notícia pelo casamento de sua filha em 1861 e, depois, pelo seu segundo casamento, ambos em Campinas: A 7/12/1861 casaram-se Fortunato Teixeira e Maria Silvéria, esta "filha legítima de Luis Antônio Feijó e de sua finada mulher Manuela de Jesus", "natural e batizada nesta paróquia onde ambos são fregueses" e "aquele viúvo por óbito de Escolástica da Rocha sepultada nesta ~~Rxxxix~~. E ainda: a 19/7/1862 casaram-se Luís Feijó e Escolástica Angélica, esta filha legítima de Francisco da Silva e Maria Joaquina de Camargo, e aquele viúvo por óbito de Manuela, ambos fregueses desta.

Se não anotamos os nomes das testemunhas de Cândido, as dos outros foram: de Benedito, Pedro José dos Santos e Bento José dos Santos; de Luís, Joaquim Henrique dos Santos Camargo e Joaquim Roberto Alves, pessoas de conceito social, significando apreço gosado na sociedade campinense pelos filhos de Ifigênia - para nós irmãos por pai do Padre Diogo, o que tem mais um indício de significação no fato de não se encontrarem outros es-